



A RESSUREIÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA NA FUGA DO CASAMENTO

Débora Lorena Lins

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

deeh.lorena@hotmail.com

RESUMO: Com o impulso dos movimentos voltados para minorias, a mulher tem ganhando destaque e voz dentro da sociedade, vindo a assumir responsabilidades e direitos equivalentes ao sexo masculino. A literatura enquanto veículo de voz e denúncia, apresenta a condição das mulheres, bem como sua transformação ao longo dos anos e dos contextos sociais em que elas estão inseridas, como o casamento, instituição que por muito tempo foi imposta ao sexo feminino como obrigação. Dessa forma, nos propomos a discutir neste trabalho, a transformação da personagem feminina Janice, mulher casada que abandona sua condição de esposa para viver o prazer da vida com um amante, na obra *O coelho em crise* (1971) do escritor norte-americano John Updike. Como subsídios para entender as questões voltadas para a mulher em sociedade, mais especificamente, dentro do matrimônio e a crítica feminista, nos embasamos em autores como Beauvoir (1967), Woolf (1996), Bonici (2007) e Zolin (2009). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que tem como objetivo contribuir nos estudos voltados à temática mulher e sociedade, com enfoque na instituição do casamento.

Palavras-chave: Mulher, Casamento, Feminismo, Janice, John Updike.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Por muito tempo acreditou-se que as mulheres eram inferiores aos homens e por isso deveriam viver em função deles, deixando de lado os próprios almejos e sonhos para cuidar do lar e doar-se por inteiras às necessidades do outro. Contudo, esta crença difundida pelo sistema patriarcal tem perdido força e o sujeito feminino tem cada vez mais buscado por sua independência e por livrar-se das amarras ideológicas que lhes são impostas até hoje. Nos últimos anos as mulheres têm lutado por seu lugar na sociedade e buscado pela igualdade de

gêneros, de modo que tenham o mesmo valor social que o masculino.

Muitos são os valores que têm se transformado, o casamento, evento que era considerado como um ofício obrigatório ao sujeito feminino, já não é mais uma imposição e sim, uma escolha que pode ser tomada pela mulher. Visto que a sociedade passa por constantes mudanças, novas concepções são inseridas e propagadas e junto delas, os homens as acompanham e passam também por transformações.

Dito isto, este trabalho tem como objetivo explorar a personagem Janice, mulher que transgrediu um ideal de mulher, porém, num momento histórico em que a



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sociedade está em mudança e o sujeito feminino dispõe de certa voz. Assim, para o desenvolvimento dessa pesquisa nos embasamos em estudiosos como Beauvoir (1967), Woolf (1996), Bonnici (2007) e Zolin (2009), todos estes abordando a temática do feminino e sociedade. Para tanto, nosso corpus de análise se constitui na obra *O coelho em crise*, do escritor norte-americano John Updike. Esta pesquisa parte do amadurecimento de discussões acerca da temática do casamento e do feminino, com o intuito de contribuir na grande área dos estudos voltados à mulher em sua condição na sociedade, mais especificamente, no casamento. Por fim, podemos dizer que a personagem feminina analisada foge do casamento como uma forma de encontrar a si mesma e buscar a emoção que lhe faltava enquanto esposa. Contudo, mesmo tendo se afastado do lar, Janice não consegue desapegar-se ao seu antigo papel de esposa e mãe, voltando ao fim da narrativa, ao mesmo lar com os mesmos costumes normais, porém, com sua natureza renovada.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO FEMININO

Na medida em que os anos passam a mulher vem ganhando cada vez mais destaque dentro dos estudos humanísticos, adentrando

em diversas áreas, como na literatura, psicologia, história e outros campos. A literatura é uma ferramenta muito importante para este estudo histórico-social, pois através da construção de personagens masculinas e femininas podemos entender o contexto da sociedade em um determinado momento da história. É importante salientar que a crítica-literária ganhou mais visibilidade e impulsionou os seus estudos a partir da década de 70, devido ao aumento expansivo dos movimentos de minorias dentro dos Estados Unidos, como os movimentos dos gays, negros e feministas.

A literatura é uma ferramenta importante que diversas escritoras se utilizaram para denunciar, através das narrativas, a situação de inúmeras mulheres que viviam num sistema patriarcal, ao qual a mulher era sempre colocada como ser inferior ao masculino. Dito isto, Lucia Zolin (2009, p. 222) apresenta essa transformação das mulheres dentro da literatura quando representadas por escritoras femininas:

[P]ersonagens femininas tradicionalmente construídas como submissas, dependentes, economia e psicologicamente do homem, reduplicando o estereótipo patriarcal, passam, paulatinamente, a ser engendradas como sendo conscientes de sua condição de inferioridade e como capazes de empreender mudanças em



relação a esse estado de objetificação. Ou, de outro lado, passam a ser inseridas em contextos que, de alguma forma, trazem à baila discussões acerca dessa problemática.

Dentro do sistema patriarcal, muitas mulheres tiveram que renunciar a sua própria subjetividade, deixando de lado seus anseios, sonhos, profissões, etc, para se doar ao lar, esfera na qual o homem é o centro de tudo, é o senhor da casa e pessoa a quem sua esposa tem que satisfazer os desejos e prover alegrias. Para isso, era necessário que ela se dedicasse unicamente aos cuidados do lar, sendo estes: cuidado e educação dos filhos e também realização das tarefas domésticas: lavar, cozinhar, passar. Tendo todas essas obrigações diárias, não sobrava tempo para o cuidado pessoal e nem para um investimento exterior, para que a mulher pudesse desfrutar de algum prazer exterior a casa. Uma característica importante deste sistema é a divisão das tarefas de acordo com o sexo. Sobre esta discussão acerca do sistema patriarcal, Thomas Bonnici explica que: “A divisão sexual do trabalho é uma estratégia do **patriarcalismo** através da qual mantêm-se os conceitos tradicionais de **feminilidade** e **masculinidade**” (BONNICI, 2007, p. 64, grifos do autor). Deste modo, homens e mulheres assumem responsabilidades de acordo com o ideal de gênero da sociedade, onde um não assume o papel do outro e vice e

versa. Ainda explanando esta divisão sexual, o autor especifica a diferença de cargos a partir da idealização dos gêneros:

A divisão de trabalho representa o homem como um ser ativo, autoritário, conhecedor do funcionamento de produtos, consciente de suas obrigações, realizador de tarefas importantes e de certa sequência, enquanto mostra a mulher fazendo tarefas secundárias, triviais e ligadas à domesticidade. A família, a escola e as agremiações são em geral responsáveis pela perpetuação da divisão sexual no trabalho. (ibidem, p. 64)

Partindo dessa divisão sexual, podemos dizer que o sujeito feminino sofre um processo de estereotipação, no qual é criada uma imagem da mulher que pode ou não ser exata, tendo em vista que cada mulher possui uma identidade, uma ideologia e tem seus objetivos. Dessa forma, não se pode afirmar que a natureza da mulher corresponde a um modelo exato, visto que cada uma possui sua subjetividade, mas, de acordo com o estereótipo patriarcal, Ellman (*apud* Bonnici, 2007, p. 80) apresenta onze estereótipos da natureza do feminino, sendo eles “informidade, passividade, instabilidade, recato, piedade, materialidade, espiritualidade, irracionalidade, aceitação, ser bruxa, ser megera.”. Essas denominações eram utilizadas para dois perfis de mulher: a



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“boa”, que atua dentro de casa e segue o modelo patriarcal como lhe é imposto; e a mulher “má”, aquela que não apenas rejeita tal sistema, como quebra todos os paradigmas determinados para a mulher.

Virgínia Woolf denomina como “anjo do lar” o fantasma que persegue as mulheres, fantasma este que é o ideal de mulher que deve ser seguido. De acordo com esse modelo, as mulheres deveriam abdicar de todo e qualquer desejo de realizar tarefas exteriores à casa, ou simplesmente ao papel feminino, como, por exemplo, o ofício da escrita. Esta tarefa era designada apenas aos homens e, tendo essa ferramenta em mãos, aproveitavam para intensificar estereótipos, mostrando a mulher como ser indefeso que ama o lar acima de tudo, o que não condizia com a verdade de muitas mulheres. No trecho que segue, apresentamos o discurso de Virginia Woolf em se tratando do fantasma que lhe assombrava sempre que tentava realizar os trabalhos que não condiziam com o papel da mulher, no seu caso, a escrita:

A sombra de suas asas caiu sobre a página; eu ouvi no quarto o roçar de suas saias. Na mesma hora, isto é, quando peguei a caneta em minha mão para resenhar aquele romance de um homem famoso, deslizou por trás de mim e sussurrou: “Minha querida, você é uma moça. Você está escrevendo sobre um livro que foi escrito por um homem. Seja complacente,

seja terna, adule, iluda, use todas as artes e truques de seu sexo. Nunca deixe ninguém supor que você tem uma vontade própria. Antes de tudo, seja pura’. E ela como que guiava minha caneta [...] Eu me voltei contra ela e agarrei-a pelo pescoço. Fiz o possível para matá-la. Minha alegação, se fosse levada a um julgamento, seria a de que agi em legítima defesa. (WOOLF, 1996, p. 44-45)

Além do que já discutimos, outra característica forte do patriarcalismo era a restrição sexual do sujeito feminino, na qual, as mulheres não poderiam ter uma vida sexual antes do casamento; tal acontecimento seria sinônimo de vergonha e desonra. Até mesmo dentro do casamento o sexo é visto para a mulher como uma obrigação que não deve lhe gerar prazer, trata-se de uma atividade como qualquer outra, e, nesta, ela deve satisfazer o seu marido e gerar um fruto para a sociedade. A escritora Simone de Beauvoir discute em seu livro *O segundo sexo* questões a respeito do sexo feminino em sociedade, no casamento e no sistema patriarcal, além desses temas, ela aborda a questão sexual da mulher a partir de sua iniciação e da representação do sexo antes e dentro do casamento:

A civilização patriarcal votou a mulher à castidade; reconhece-se mais ou menos abertamente ao homem o direito a satisfazer seus desejos sexuais ao passo



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que a mulher é confinada no casamento: para ela o ato carnal, em não sendo santificado pelo código, pelo sacramento, é falta, queda, derrota, fraqueza; ela tem o dever de defender sua virtude, sua honra; se "cede", se "cai", suscita o desprezo; ao passo que até na censura que se inflige ao seu vencedor há admiração (BEAUVOIR, 1967, p. 112)

Desse modo, a mulher deve zelar por si e sua reputação excluindo qualquer vínculo com o que diz respeito a sua sexualidade. Deixar-se cair em tentação é uma atitude que pode trazer consequências rigorosas, como a exclusão da sociedade e, conseqüentemente, a não realização de um casamento. Enquanto o sistema patriarcal impõe uma disciplina rígida ao sujeito feminino, o masculino desfruta de total liberdade, antes e durante o casamento, tendo direito a buscar satisfação com sua esposa e outras mulheres, sem passar por rebaixamento social ou qualquer tipo de punição.

Dentro do sistema patriarcal a casa tem dupla representação. Ao passo que representa o ambiente de moradia, tem, para a mulher, a imagem de prisão, gaiola, privação; ela representa para o sujeito feminino aquilo que o priva do social, já que todas as tarefas da mulher estão ligadas apenas ao lar e ela se sente limitada a ele. Já o sujeito masculino transita entre o exterior e o interior da casa,

visto que o seu trabalho é no exterior. Assim, o lar é denominado como ambiente da mulher e a rua, ambiente do homem. Até hoje a sociedade é patriarcal, no entanto, é bem menos do que há alguns anos e, graças a isso, as mulheres já usufruem da liberdade de transitar entre o social e o privado. Contudo, ainda há um discurso na sociedade que resiste a essa liberdade, esta, que é apesar de livre, tem algumas limitações. Ainda, Simone Beauvoir mostra que para o homem a casa é apenas um lugar de moradia, mas, para a mulher, ainda há uma crença que a impõe a manter-se de certo modo, nesse local.

Hoje a casa perdeu seu esplendor patriarcal; para a maioria dos homens ela é apenas um habitat que a memória das gerações passadas não mais esmaga e que não encarcera mais os séculos futuros. Mas a mulher esforça-se ainda por dar a seu "interior" o sentido e o valor que possuía a verdadeira casa. (BEAUVOIR, 1996, p. 195)

Após essa discussão, passemos para a próxima sessão deste trabalho que explanará a personagem feminina Janice, que foge das amarras do seu matrimônio como forma de buscar a si mesma dentro da obra *O coelho em crise*, de John Updike.

A FUGA DA MULHER CASADA

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



A obra *O coelho em crise* (1971) é um livro integrante da série *Rabbit* do escritor John Updike (1932). O livro apresenta um dado momento histórico que há movimentos importantes dentro da sociedade americana como: o movimento *hippie*, feministas e também dos negros. A história retrata a vida de um homem com sua vida em crise, visto que a esposa o abandona para ficar com um amante, ele perde o emprego, tem em sua casa a presença de uma *hippie* e um negro que trazem novas concepções para sua vida e ao fim, tem sua casa completamente destruída. O personagem Harry passa por um processo de transformações não apenas ideológicas, mas também, de hábitos e se permite ver o outro lado da sociedade. No entanto, temos como foco de análise a personagem Janice, esposa do protagonista que, também passa por um processo de reconstrução, todavia, trata-se dos seus dilemas como mulher que busca sua subjetividade fora do casamento.

Como pontapé de nossa análise, cabe fazermos uma identificação dessa personagem: Janice não corresponde ao ideal de mulher e esposa de um sistema patriarcal. A começar, sua própria postura aponta essa não identificação, pois, ela não é uma personagem frágil e delicada, tem em si a marca da não consciência, ou seja, ela age sem pensar nas consequências que suas

atitudes vão ocasionar para as pessoas a sua volta: seu marido, filho e pais. A personagem não se apresenta em nenhum momento da narrativa como uma mulher do lar, que cuida da sua família, pelo contrário, trata-se de uma mulher que se dedica ao exterior da casa, que tem o seu emprego, uma certa independência; é uma mulher que não coloca a necessidade dos outros sobre a sua, mas busca sua satisfação em primeiro lugar.

Logo no início da narrativa é possível se observar a quebra do estereótipo de feminino x domesticidade, quando ela é apresentada como uma mulher de negócios, que leva o dinheiro para o lar e entende o poder do dinheiro, de modo que o poder econômico não reside unicamente na mão do seu marido, como podemos observar no seguinte trecho:

“*Aprontando?* Não estou aprontando nada, só tentando ganhar um extra pra incrementar nosso orçamento. [...] Você pode até pensar que os sete dólares, sei lá, que você ganha por hora mexendo naquela máquina é dinheiro, Harry, mas o fato é que hoje em dia cem dólares não dá mais pra nada, o dinheiro simplesmente voa.” (UPDIKE, 1992, p. 22)

Ainda, vemos mais completamente a diferença dela, diante o estereótipo das



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mulheres no trecho que se segue, em que ela mostra que tem um poder aquisitivo e para tanto, não precisa esperar sempre a ação do seu marido para um investimento, pois ela recebeu uma determinada autonomia advinda de sua família: “Ele prometeu ganhar metade do dinheiro. Eu dou a outra metade do *meu* dinheiro, já que você está de frescura.” O dinheiro dela: O pai deu-lhe umas ações anos atrás. E agora ela trabalha. Afinal, será que ela precisa mesmo?” (UPDIKE, 1992, p. 32). Através da fala do narrador já se pode observar que Janice questiona a si mesma a respeito de sua relação com o marido, de modo que, se ela não precisa dele, qual a função de estar casada? Trata-se de uma mulher independente que tem a autoridade de escolher o que lhe convém. O fato de ela possuir dinheiro é o que a permite ter essa autonomia e confiança própria, pois, assim, não tem necessidade de pedir ao sexo masculino qualquer coisa, ou seja, ser dependente a um marido, como a maior parte das esposas de sua época.

Dentro de uma obra, é necessário ficar-se atento aos sinais que o autor apresenta, dos elementos utilizados para dar dicas ao leitor. Na primeira passagem exemplificada aqui, pode-se notar uma dualidade na fala de Janice, que, ao ser questionada pelo marido se estava se *aprontando* no trabalho responde, de modo

duvidoso (Cf. UPDIKE, 1992, p. 22). O autor, ao marcar a palavra *aprontando* pela esposa em itálico, dá pistas de que há algo por trás da negação. O marido já tem uma certa desconfiança acerca das atitudes e fidelidade de sua parceira, que se justifica pelo trabalho na empresa. Porém, existe de fato uma traição, na qual, ela busca a satisfação sexual que não tem na vida a dois. De certo modo, Janice carrega em si uma revolta por seu marido, pelo modo como ele se comporta diante do mundo, pela vida que levam e pelo passado deles enquanto pais. É por isso que ela não sente remorso ao traí-lo com seu colega de trabalho: “Ah, quero mais é que ele sofra. Antes ele dizia que eu era inútil, no começo adorou quando eu arranjei um emprego” (UPDIKE, 1992, p. 50). Neste trecho, evidencia-se a resignação de Janice para com Harry (seu esposo) em um diálogo com o seu amante Charlie; nessa passagem ela revela um passado no qual ela era colocada como um ser inferior, mas agora se vê em pé de igualdade e já não se importa com os sentimentos que proporciona ao seu parceiro.

No momento em que revela a verdade sobre o amante, essa esposa vai de encontro ao estereótipo discutido anteriormente, da mulher megera, tentando ferir o marido não apenas fisicamente. Ela se coloca em pé de igualdade com Harry, ao



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

passo que, da mesma forma que ele bate nela, Janice tenta bater nele, contudo, ela encontra outros meios de agredi-lo além do físico, sendo este o agredir verbal e moral:

“Estamos transando há *meses*, ela insiste, contorcendo-se e tentando libertar-se para cuspir de novo, furiosa com a reação dele. Ele imobiliza-lhe os braços, para não ser unhado, e prende-os pelo lado, apertando com força. Ela o encara de frente. Seu rosto está enlouquecido, imóvel, petrificado. Está tentando dizer a coisa que vai magoá-lo mais fundo. “Faço coisas com ele”, diz ela, “que nunca faço com você”. (UPDIKE, 1992, p. 60)

Após o conflito, segue um momento melancólico, em que o sujeito masculino se vê fragilizado diante da postura da esposa, de sua traição; já ela, não sente o mesmo, mas sim, uma liberdade por poder exteriorizar sua situação de mulher incompleta. Contudo, ela não tem verdadeiras razões para odiar o marido, como muitas mulheres o tinham; em sua própria fala ela afirma que o Harry não é um marido ruim: “Ah, não, meu bem, não. Você sempre foi muito bom comigo. Você trabalha naquele lugar sujo. Não sei o que deu em mim, Harry, falando sério.” (UPDIKE, 1992, p. 61).

Mesmo após o conflito, o casal vivencia um momento de paz, em que tem uma relação sexual intensa de homem e

mulher. Deste momento podemos fazer duas observações. A primeira é que o sexo é uma forma de reconciliação, mas também de despedida do casal, que, no dia seguinte se separa. A segunda, ainda sobre o sexo, é que não é um sexo normal, como todas as outras vezes, mas, intenso, na luz do dia, que representa a transformação de Janice, visto que o coelho é super conservador e a relação entre os dois só acontecia no escuro. A própria postura dela em relação ao momento vivenciado com o marido, quando ela fala “Não é uma delícia a gente ver? E eu que morria de vergonha” (UPDIKE, 1992, p. 64). Após a confissão Janice mostra sua transformação, trazendo para dentro de casa o que tem no exterior, que é mais quente, que se fala, enquanto antes não tinha isso.

Como forma de entender os seus sentimentos Janice se afasta do lar para ficar com o amante; porém, mesmo adotando uma postura considerada “erronha” para a sociedade que espera um modelo específico de uma mulher, ela se preocupa com o que esta vai falar, o que o filho vai pensar e, portanto escolhe por omitir esse detalhe para os outros, mas que é evidente para todos. “Só tem uma coisa. Não quero que o menino fique sabendo. Mamãe já sabe, as pessoas que vão na casa dela contaram pra ela. Toda a cidade sabe. Isso é o que dá, fazer a luz do dia” (UPDIKE, 1992, p. 68).



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Mesmo quando sai do lar, Janice não se desvincula do laço familiar. Apesar de estar fisicamente com outro, desfrutando dos prazeres, o seu pensamento está sempre na casa, mas ela só mostra este fato a partir de uma preocupação: há uma outra mulher em sua casa, mais jovem, mais bonita e que a substitui emocionalmente. A partir disso, Janice força contato com o marido, sempre se valendo de ameaças de tomar o filho, de procurar advogado. O principal fato é que, mesmo fora da casa ela quer se sentir presente ali, e por isso exige constantemente a expulsão da outra mulher. Ou seja, ela não consegue abandonar completamente o seu eu mãe e esposa. Mesmo longe, ela se vê como a mulher da casa, como no trecho “Eu quero que essa garota saia da minha casa.” (UPDIKE, 1992, p. 140). Contudo, ela apresenta uma preocupação sobre o sentimento do marido e o que a outra representa para ele, “Harry, o que ela é pra você, hein? Uma espécie de esposa?” (UPDIKE, 1992, p. 141). Visto isso, podemos dizer que Janice espera ser feliz com outro homem, mas ao mesmo tempo deseja que a porta do seu lar esteja aberta para sua volta a qualquer momento. Como esta encontra-se fechada, Janice usa de argumentos para retirar a culpa de sua ação de si para depositar no seu marido, partindo do princípio que nada daquilo estaria acontecendo se ele a

satisfizesse e, portanto, ela não era culpada por buscá-lo em outra pessoa. “Harry, eu não queria lhe dizer isso, mas se você conseguisse me satisfazer, eu nunca que ia largar você. Foi por sua culpa que eu fui embora. Eu não sabia que de que eu sentia falta, mas, agora que eu tenho, eu sei. Me recurso a achar que a culpa é só minha.” (UPDIKE, 1992, p. 141).

Apesar de tudo, Janice espera que o marido a busque de volta, que lute por ela, é por isso que ela liga para ele constantemente, porque não quer se afastar dele. Ela espera que ele caia em si e peça para que ela volte. É por isso que ela se resigna, em mensagens como “Pra começar, você me deixa esperando sentada sem nem me ligar” (UPDIKE, 1992, p. 192), demonstrando que espera a procura do marido e essa não procura é tudo o que fere a ela. No seguinte trecho é mais explicitado o sentimento de revolta de Janice, exteriorizado através da ofensa e, em seguida, do seu choro.

“Você podia pelo menos brigar um pouco”, ela diz, chorando, tomando fôlego entre os soluços. “Você é tão fraco, tão frouxo”, ela consegue dizer, mas em seguida vem um som animalesco, uma espécie de arrulho ou guincho, como se todo o ar estivesse escapando de dentro dela. (UPDIKE, 1992, p. 193)



Conquanto, o coelho poderia buscar meios para fazer sua esposa voltar, tanto por meio sentimental quanto por força, mas ele não o faz, pois a decisão de voltar deve pertencer a ela. Janice é que deve encontrar o caminho de volta pra casa, visto que ela saiu só e por insatisfação própria.

Embora Janice apresente saudade de casa, sua volta não é marcada a princípio por seu desejo. Assim como ela troca o seu marido por Charlie, o amante também a troca (mesmo que temporariamente) por outra, justamente, a irmã do seu marido. Assim, ela aceita a verdade que aquele homem não tem por ela a consideração que o seu marido tem, – muito embora Harry também a trai, diferente do outro, ele tem uma ligação mais forte com Janice, até mesmo por ter um filho com ela e, apesar de tudo, é com ele que ela pode contar. Mesmo quando ressalta o fato de ter largado tudo para ficar com Charlie, o que ele faz é mandar ela voltar para casa. Nesse momento, pela primeira vez ela consegue comparar a relação com os dois homens, de modo que o amante não é melhor que o marido: “Ele lhe deu as costas. Com Harry, normalmente era ela que dava as costas para ele. É difícil aconchegar-se a ele, ele é grande demais; é como agarrar a uma rocha escorregadia e peluda.” (UPDIKE, 1992, p. 339). Ao ponto que mencionamos a comparação que Janice faz entre seu esposo e

seu amante, é interessante destacar a primeira vez que ela faz um paralelo entre os dois homens no início do romance:

[...] ela faz tudo com Charlie porque ele pede, tudo fica sagrado, ela não se importa, a gente que viver, a gente foi feita para isso, [...] Harry não entende dessas coisas, nunca ousou pensar nisso, sempre correndo, ele é todo cheio de nojinhos, no fundo detesta sexo. (UPDIKE, 1992, p. 53).

Aqui, pode-se observar em como ela vê a relação com cada um. Enquanto que com o marido sua vida é parada e fria, com o amante Janice vive coisas novas, com um homem que a faz viver o prazer, tendo em vista que eles estão vivos para desfrutar disso. Enquanto que Harry é comportado e o sexo é mais tranquilo, com Charlie é algo mais carnal e intenso, como se pode observar em diversas passagens da narrativa. Um outro detalhe que nos interessa, é justamente, o fato de haver esse olhar crítico da mulher perante os homens com que se envolve. Em outras épocas passadas, tal acontecimento seria inadmissível, tanto o pensamento por parte da mulher, como a aparição na literatura que chegava a ser conversadora, mesmo quando escrita pelo sexo masculino. Porém, como o período do romance permite que aconteça



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

essa liberdade e evolução, nos deparamos com uma mulher inovadora e autêntica, que, mesmo quando volta atrás, mantém o seu orgulho e sua postura.

Após deixar o amante, Janice procura contato com o marido, mas ela não o faz com o coitadismo de uma mulher que busca a redenção, mas através da sua postura para com o coelho é possível perceber que o que Janice quer é voltar para casa. Toda essa aventura fora do casamento serve como uma forma de acordar uma natureza dentro dela, o espírito de aventura, ousadia e alegria. Ela encontra sua identidade, sua autenticidade e por isso se vê pronta para voltar pra sua família. Contudo, ela não faz uma abordagem direta acerca desse retorno, mas sim, como um evento casual “Janice compreende, e pergunta: “Você está a fim de me encontrar? Quer dizer, se você olhar pra minha cara você vai se irritar muito?” (UPDIKE, 1992, p. 346). Assim, o retorno do casal se dá de modo natural, não como uma relação que será perfeita, mas, dentro da imperfeição dos dois haverá uma vida pacata, seguindo a estrutura do final da história, uma vida normal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões acerca do sujeito feminino e suas restrições sociais, podemos dizer que, estas são amarras que tem

sido desfeitas ao longo dos anos. Na medida em que os anos passam, mudanças cercam a sociedade e seus sujeitos, e portanto torna-se impossível persistir em tomar como base uma ideologia que só serve de repressão para um gênero ou outro. Uma vez que todos os seres possuem o livre arbítrio, torna-se inviável que um ser tenha dominação sobre outro. Teoricamente, o ser humano é livre para tomar decisões e viver de acordo com suas crenças e anseios, seja este homem ou mulher – desde que não acarretem problemas para a sociedade.

Como podemos observar, a personagem Janice representa uma mulher que não age de acordo com o ideal de mulher dentro do sistema patriarcal. Mostra-se uma personagem autêntica que busca incansavelmente a sua valorização e satisfação como mulher, seguindo o caminho que pode lhe proporcionar o prazer que procura. A personagem analisada mostra-se como uma transgressora das leis, mas, embora tenha uma postura “errada”, ela tem consciência do que seria “certo” e, por isso, busca o ocultamento, busca uma justificativa para suas ações, que não são frutos apenas dela, mas das atitudes do marido acarretadas no decorrer do tempo. Assim, Janice busca fora do casamento uma saída para encontrar sua subjetividade e motivação para a vida, contudo, é nesta vivência que ela se descobre



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

e, dentro deste contexto se sente insatisfeita, retornando, então, para o seu lar, mas com sua natureza transformada.

Por fim, destacamos que, embora o romance aborde a questão da revolução da mulher casada e insatisfeita, a própria estrutura de “O coelho em crise” demonstra a disparidade entre o sexo masculino e o feminino através de sua organização, pois, embora os capítulos sejam divididos a partir de personagens, Harry é o protagonista em todos eles e está sempre mostrando sua visão sobre o que o cerca, enquanto que sua esposa aparece em curtos períodos, em sua maioria, através de ligações rápidas. Dessa forma, observamos que, há um espaço para esse novo olhar da mulher, mas ainda assim, o mesmo é restrito, o que não apresenta o completo

posicionamento da esposa para com tudo o que a cerca.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo – A experiência vivida*; tradução de Sérgio Milliet. 2 ed. – São Paulo: Difusão Européia do livro, 1967.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista – conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

UPDIKE, John. *O coelho em crise*: tradução de Paulo Henrique Britto – São Paulo: Companhia das letras, 1992.

WOOLF, Virginia. “Profissões para mulheres”. In: *Kew Gardens, O status intelectual da mulher, Um toque feminino na ficção, Profissões para mulheres*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 41 – 50.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009, pp. 217- 242.